

Obras da autora publicadas pela Editora Record:

Série Slammed

Métrica

Pausa

Essa garota

Série Hopeless

Um caso perdido

Sem esperança

Em busca de Cinderela

Série Nunca jamais

Nunca, jamais

Nunca, jamais: parte 2

Nunca, jamais: parte 3

Série Talvez

Talvez um dia

Talvez agora

O lado feio do amor

Novembro, 9

Confesse

É assim que acaba

Tarde demais

As mil partes do meu coração

Todas as suas (im)perfeições

Verity

Sumário

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26

1

Morgan

Às vezes fico me perguntando se os humanos são os únicos seres capazes de sentir um vazio existencial.

Não entendo como meu corpo pode estar cheio de tudo que nos preenche — ossos e músculos e sangue e órgãos —, e, ainda assim, meu peito parecer oco, como se pudesse ecoar caso alguém gritasse na minha boca.

Faz algumas semanas que me sinto assim. Minha esperança era que passasse logo, porque estou começando a me preocupar com o motivo por trás deste vazio. Tenho um namorado maravilhoso com quem estou há quase dois anos. Se eu não contar os momentos de intensa imaturidade adolescente de Chris (que são, no geral, incentivados pelo álcool), ele é tudo que quero em um namorado. Engraçado, bonito, ama a mãe, tem objetivos. Eu nem mesmo entendo como ele poderia ser a causa desse sentimento.

E então há Jenny. Minha irmã caçula e melhor amiga. Mas sei que meu vazio não é por causa dela. Jenny é minha principal fonte de alegria, apesar de sermos o completo oposto uma da outra. Ela é extrovertida, espontânea, fala alto, tem uma risada que eu daria tudo para ter. Sou mais quieta, e, com frequência, meus risos são forçados.

Sempre brincamos que somos tão diferentes que, se não fôssemos irmãs, nos odiaríamos. Jenny me acharia chata, e eu a acharia irritante, mas, *porque* somos irmãs e nossa diferença de idade é de apenas doze meses, nossas divergências acabam nos unindo. Temos nossos

momentos de tensão, mas nunca terminamos uma briga sem resolver o problema. E, conforme crescemos, passamos a brigar menos e a ficar mais tempo juntas. Principalmente agora que ela está saindo com o melhor amigo de Chris, Jonah. Desde que os garotos se formaram na escola, no mês passado, nós quatro não nos desgradamos.

Minha mãe poderia ser a fonte do meu humor atual, mas não faria sentido. Sua ausência já é corriqueira. Na verdade, já me acostumei com isso, então, meio que aceitei que eu e Jenny demos azar no quesito pais. Ela não participa da nossa vida desde que papai morreu, há cinco anos. Na época, eu ficava mais amargurada por ter que cuidar da minha irmã. Conforme fui amadurecendo, passei a me incomodar menos com o fato de não ter uma mãe presente, impondo um horário para voltarmos para casa, ou... se importando com as coisas. Sinceramente, é meio divertido ter dezessete anos e a liberdade que a maioria das pessoas da minha idade sonha.

Não houve nenhuma mudança recente na minha vida para explicar esse vazio profundo que sinto. *Ou talvez algo tenha mudado, e só estou com medo demais para notar.*

— Adivinhem só? — diz Jenny. Ela está no banco do carona. Jonah dirige, e ocupo o banco de trás com Chris. Durante minha sessão de introspecção, fiquei olhando meu reflexo na janela, então interrompo meus pensamentos e a encaro. Minha irmã virou no banco, seu olhar animado indo de encontro ao meu, depois para meu namorado. Ela está bem bonita hoje. Pegou emprestado um dos meus vestidos longos e preferiu manter um estilo simples, sem muita maquiagem. É impressionante a diferença entre a Jenny de quinze anos e a de dezesseis. — Hank disse que consegue arrumar pra gente hoje.

Chris ergue o braço e bate na mão de Jenny. Volto a olhar pela janela, sem saber se aprovo o fato de ela gostar de se drogar. Eu caí na pilha algumas vezes — resultado de ter uma mãe como a nossa. Mas Jenny só tem dezesseis anos e toma tudo que encontra em todas as festas a que vamos. Esse é um dos principais motivos para eu preferir *não* participar, porque sempre me senti responsável por minha irmã, já que sou mais velha e nossa mãe não presta atenção em nada do que fazemos.

Às vezes, também me sinto como a babá de Chris. O único neste carro de quem não preciso cuidar é Jonah, mas não por ele não beber nem se drogar. Ele apenas parece manter certo nível de maturidade independentemente de qualquer coisa que coloque no corpo. Sua personalidade é uma das mais consistentes que já conheci. Jonah é calmo quando está bêbado, chapado, feliz, e, de algum jeito, é calmo até quando fica irritado.

Ele e Chris são melhores amigos desde pequenos e parecem as versões masculinas de mim e Jenny, só que ao contrário. Chris e Jenny são o centro das atenções em todas as festas. Eu e Jonah somos os companheiros invisíveis.

Por mim, tudo bem. Prefiro não chamar atenção, tipo ficar camuflada no papel de parede e observar as pessoas com tranquilidade, do que ser a garota em cima de uma mesa no meio da sala, encarada por todo mundo.

— Essa festa fica muito longe? — pergunta Jonah.

— Mais uns dez quilômetros — responde Chris. — É perto.

— Perto daqui, talvez, mas longe da casa da gente. Quem vai dirigir na volta? — rebate Jonah.

— Eu, não! — dizem Jenny e Chris ao mesmo tempo.

Jonah me encara pelo espelho retrovisor. Ele me fita por um momento, e então assinto. Ele concorda. Sem dar uma palavra, nós dois decidimos permanecer sóbrios hoje.

Não sei como fazemos isso — nos falamos sem verbalizar nada —, mas sempre foi algo automático entre nós. Talvez por sermos muito parecidos, nossa mente está em sincronia na maior parte do tempo. Jenny e Chris não percebem. Eles não precisam se comunicar em silêncio com ninguém, porque tudo que querem dizer sai da boca deles mesmo quando não deveria.

Chris segura minha mão para me chamar. Quando o encaro, ele me beija.

— Você está bonita — sussurra ele.

Eu sorrio.

— Obrigada. Você também não está de todo ruim.

— Quer ficar na minha casa hoje?

Penso na ideia por um instante, mas Jenny se vira de novo e responde por mim:

— Ela não pode me deixar sozinha. Sou uma menor de idade prestes a passar as próximas quatro horas enchendo a cara e talvez usando substâncias ilegais. Quem vai segurar meu cabelo enquanto eu vomitar amanhã se ela ficar na sua casa?

Chris dá de ombros.

— Jonah?

Jenny ri.

— Jonah tem pais normais que querem que ele chegue em casa à meia-noite. Você sabe disso.

— Jonah acabou de se formar — insiste Chris, falando sobre o amigo como se ele não estivesse no banco da frente, escutando cada palavra. — Ele devia tomar vergonha na cara e passar uma noite inteira fora, só para variar.

Jonah estaciona em um posto de gasolina enquanto Chris fala isso.

— Querem alguma coisa? — pergunta ele, ignorando o assunto.

— Quero, vou tentar comprar cerveja — diz Chris, tirando o cinto de segurança.

Isso me faz rir.

— Só em olhar para você, já dá para ver que é menor de idade. Ninguém vai te vender cerveja.

Ele sorri para mim, encarando o comentário como um desafio. Então sai do carro e entra na loja, enquanto Jonah vai abastecer o carro. Eu estico a mão até o painel do carro e pego uma das balas de melancia que Jonah sempre deixa de lado. Melancia é o melhor sabor. Não entendo como alguém seria capaz de não gostar, mas, pelo visto, é o caso dele.

Jenny tira o cinto de segurança e engatinha para o banco de trás. Ela senta em cima das pernas e me encara.

— Acho que vou transar com Jonah hoje — diz minha irmã, com olhos travessos.

Pela primeira vez em uma eternidade, meu peito parece cheio, mas não de um jeito bom. É como se eu tivesse sido inundada com algum líquido espesso. Talvez lama.

— Você acabou de fazer dezesseis anos.

— A mesma idade que você tinha quando transou com Chris pela primeira vez.

— É, só que fazia mais de dois meses que a gente estava saindo. E ainda me arrependo. Doeu à beça, acabou em um minuto, e ele fedia a tequila. — Faço uma pausa, porque parece que acabei de insultar as habilidades do meu namorado. — Ele se aprimorou.

Jenny ri, mas então se recosta no banco com um suspiro.

— Já acho muito eu ter conseguido esperar dois meses.

Quero rir, porque dois meses não são nada. Eu preferia que ela esperasse um ano inteiro. Ou cinco.

Não sei por que sou tão do contra. Jenny tem razão — eu era mais nova do que ela na minha primeira vez. E, se minha irmã vai perder a virgindade com alguém, pelo menos que seja com um cara que sei que é legal. Jonah jamais se aproveitaria dela. Na verdade, faz um ano que ele a conhece, mas só a chamou para sair quando ela completou dezesseis anos. Jenny ficava frustrada com isso, mas foi uma atitude que ganhou meu respeito.

Eu suspiro.

— A gente só perde a virgindade uma vez, Jenny. Não quero que você passe por esse momento bêbada, na casa dos outros, na cama de um desconhecido.

Minha irmã mexe a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse refletindo sobre o que falei.

— Então talvez a gente possa transar no carro dele.

Eu rio, mas não porque acho graça. Rio porque ela está zombando de mim. Foi exatamente assim que perdi minha virgindade com Chris. Apertada no banco de trás do Audi do pai dele. Foi uma experiência completamente desinteressante e muito vergonhosa, e, apesar de termos nos aperfeiçoado, seria legal se nossa primeira vez tivesse sido um momento digno de uma lembrança bonita.

Nem quero pensar nisso. Nem falar disso. É nesses momentos que penso o quanto é difícil ter minha irmã como melhor amiga — quero ficar empolgada por Jenny e ouvir todos os detalhes, mas, ao mesmo tempo, desejo protegê-la dos erros que cometi. Quero algo melhor

para ela.

Eu a encaro com um olhar sincero, me esforçando ao máximo para não parecer maternal.

— Se acontecer hoje, pelo menos fique sóbria.

Jenny desdenha do meu conselho e engatinha de volta para o banco da frente, no mesmo instante em que Jonah entra.

Chris também retorna. *Sem* cerveja. Ele bate a porta e cruza os braços.

— É um saco ter cara de criança.

Eu rio e passo a mão em sua bochecha, fazendo com que se concentre em mim.

— Gosto da sua cara de criança.

O comentário o faz sorrir. Ele se inclina e me beija, mas se afasta assim que nossos lábios se encostam. Então dá um tapinha no banco de Jonah.

— Você devia tentar.

Chris tira dinheiro do bolso e estica o braço para a frente do carro, jogando as notas sobre o painel.

— Já não vai ter bebida demais lá? — pergunta Jonah.

— É a maior festa de formatura do ano. Nossa turma inteira vai estar lá, e todo mundo é menor de idade. Precisamos de toda ajuda possível.

Com relutância, Jonah pega o dinheiro e sai do carro. Chris me beija de novo, agora de língua. Mas se afasta bem rápido.

— O que é isso na sua boca?

Mordo a bala para quebrá-la.

— Bala.

— Quero experimentar — diz ele, trazendo a boca de volta à minha.

Jenny suspira no banco da frente.

— Parem. Vocês estão fazendo barulho.

Chris se afasta com um sorriso, mas também com um pedaço de bala na boca. Ele a mastiga enquanto coloca o cinto de segurança.

— Faz seis semanas que nós nos formamos. Que tipo de gente dá uma festa de formatura seis semanas depois? Não que eu esteja

reclamando. Só parece que as comemorações já deviam ter acabado a essa altura.

— Não são seis semanas. São quatro — digo.

— Seis — insiste ele. — Hoje é onze de julho.

Seis?

Tento esconder de Chris a súbita onda de tensão que inunda todos os músculos do meu corpo, mas é impossível não reagir ao que ele acabou de dizer. Tudo em mim fica rígido.

Não faz seis semanas. *Faz?*

Se faz seis semanas... minha menstruação está duas semanas atrasada.

Merda. Merda, merda, merda.

A mala do carro de Jonah abre. Eu e Chris nos viramos exatamente quando Jonah a fecha e retorna para a porta do motorista. Quando ele entra no carro, exhibe um sorriso presunçoso.

— Filho da puta — resmunga Chris, balançando a cabeça. — Ela nem pediu sua identidade?

Jonah liga o carro e saímos do posto.

— O segredo está no ar de confiança, meu amigo.

Observo Jonah esticar o braço até o outro assento e segurar a mão de Jenny.

Olho pela janela com o estômago embrulhado, a palma das mãos suando, o coração disparado, os dedos silenciosamente contando os dias desde minha última menstruação. Eu nem tinha pensado nisso. Sei que foi durante a formatura, porque Chris ficou chateado por não podermos transar. Mas eu esperava menstruar por esses dias, pensei que só havia um mês desde que os garotos se formaram. Nós quatro estávamos tão ocupados em fazer nada durante as férias de verão que nem pensei no assunto.

Doze dias. Estou doze dias atrasada.



Passei a festa inteira sem conseguir pensar em mais nada. O que mais quero é pegar o carro de Jonah emprestado, ir até uma farmácia vinte

e quatro horas e comprar um teste de gravidez, só que ele faria perguntas. Jenny e Chris notariam minha ausência. Em vez disso, preciso passar a noite sendo inundada por uma música tão alta que sinto meus ossos vibrarem. A casa está lotada de corpos suados em todos os cantos, então não há para onde fugir. Estou com medo demais para pensar em beber, porque, se eu estiver grávida, não faço ideia do que é ou não permitido. Nunca me liguei muito em gravidez, então não sei exatamente o quanto um feto pode ser impactado pelo álcool. Nem quero arriscar.

Não acredito nisso.

— Morgan! — grita Chris do outro lado da sala. Ele está em cima da mesa. Há outro cara na mesa ao lado. Os dois estão brincando de se equilibrar em uma perna e tomar shots até alguém cair. É o jogo de bebidas favorito de Chris, eu detesto ficar ao seu lado nessa hora, mas ele acena para mim. Antes de eu conseguir atravessar a sala, o cara na outra mesa cai e Chris ergue um punho vitorioso no ar. Então pula para o chão assim que o alcanço. Ele passa um braço ao meu redor, puxando-me para perto. — Você está chata — diz ele. E leva seu copo até minha boca. — Beba. Vamos nos divertir.

Afasto o copo.

— Vou dirigir. Não quero beber.

— Não, Jonah vai dirigir. Você está livre.

De novo, Chris tenta me dar a bebida, mas eu a afasto outra vez.

— Jonah queria beber, então me ofereci para dirigir — minto.

Chris olha ao redor, procurando alguém. Sigo seu olhar e vejo Jonah sentado no sofá com Jenny, cujas pernas estão jogadas no seu colo.

— Você vai dirigir hoje, não é?

Jonah olha para mim antes de responder. É uma conversa silenciosa de dois segundos, mas ele percebe por minha expressão suplicante que preciso que minta para Chris.

Ele inclina um pouco a cabeça, curioso, mas então fita o amigo.

— Não. Vou encher a cara.

Chris deixa os ombros murcharem e me encara.

— Sei. Acho que vou ter que me divertir sozinho.

Tento não me chatear com suas palavras, mas é difícil.

— Está dizendo que não sou divertida quando estou sóbria?

— Você é divertida, mas a Morgan bêbada é a minha favorita.

Puxa. Fico um pouco triste com o comentário. Mas ele está bêbado, então vou perdoar sua colocação, mesmo que seja só para evitar uma briga. Não estou no clima. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar.

Bato de leve no peito de Chris.

— Bem, a Morgan bêbada não vai aparecer hoje, então é melhor você se divertir com outras pessoas.

Assim que termino de falar, alguém agarra o braço de Chris e o puxa de volta para as mesas.

— Revanche! — grita o cara.

Com isso, minha sobriedade deixa de ser uma preocupação para ele, e aproveito a oportunidade para escapar de Chris, do barulho, das pessoas. Saio pela porta dos fundos e encontro uma versão mais tranquila da festa e ar fresco. Há uma cadeira vazia ao lado da piscina, e, apesar de ter um casal na água que parece estar fazendo coisas que deviam ser consideradas pouco higiênicas em uma piscina, por algum motivo me parece menos incômodo ficar ali do que dentro daquela casa. Posiciono minha cadeira de costas para a dupla, me recosto e fecho os olhos. Passo os minutos seguintes tentando não ficar obcecada com qualquer sintoma que posso ou não ter sentido no último mês.

Nem tenho tempo para refletir sobre como tudo isso pode afetar meu futuro quando escuto uma cadeira sendo arrastada pelo concreto atrás de mim. Não quero abrir meus olhos e ver quem é. Não vou conseguir lidar com Chris e sua bebedeira agora. Não vou conseguir lidar com Jenny e sua mistura de vinho barato, maconha e dezesseis anos.

— Está tudo bem?

Suspiro aliviada quando escuto a voz de Jonah. Inclino a cabeça e abro os olhos, sorrindo.

— Sim. Está.

Vejo em sua cara que ele não acredita em mim, mas tanto faz. Não

há possibilidade de eu contar a Jonah que minha menstruação está atrasada, porque (a) não é da conta dele, (b) nem sei se estou grávida e (c) Chris será a primeira pessoa para quem vou contar caso eu esteja.

— Obrigada por mentir para Chris — digo. — Não estou com vontade de beber hoje.

Jonah assente, compreensivo, e me oferece um copo de plástico. Noto que ele trouxe dois, então aceito um.

— É refrigerante — diz ele. — Encontrei uma garrafa perdida em um cooler.

Tomo um gole e jogo a cabeça para trás. O gosto de refrigerante é melhor do que o de álcool.

— Cadê Jenny?

Jonah aponta com a cabeça para a casa.

— Tomando shots em cima da mesa. Não quis ficar assistindo.

Solto um gemido.

— Odeio tanto essa brincadeira.

Ele ri.

— Como é que a gente acabou ficando com pessoas que são nosso completo oposto?

— Sabe como é. Opostos se atraem.

Jonah dá de ombros. Acho estranho ele dispensar meu comentário assim. Ele me encara por um instante, então afasta o olhar e diz:

— Escutei o que Chris disse para você. Não sei se é por isso que veio para cá, mas espero que saiba que não era sério. Ele está bêbado. Você sabe como ele fica nessas festas.

Acho legal o fato de Jonah defender o amigo agora. Apesar de o meu namorado ser insensível de vez em quando, eu e ele sabemos que o coração de Chris é maior do que o de nós dois juntos.

— Eu até me irritaria se esse tipo de coisa acontecesse o tempo todo, mas é uma festa de formatura. Faz sentido. Ele está se divertindo e quer que eu me divirta também. E, de certa forma, é verdade. A Morgan bêbada é bem melhor do que a Morgan sóbria.

Jonah me encara, sério.

— Discordo completamente.

Assim que ele diz isso, afasto meu olhar e encaro meu copo. Faço

isso porque tenho medo do que está acontecendo agora. Meu peito começa a parecer cheio de novo, mas de um jeito bom. Tudo que antes era ausência é substituído por calor, palpitações e emoção, e odeio isso, porque parece que acabei de descobrir o motivo para eu me sentir estranha nas últimas semanas.

Jonah.

Às vezes, quando estamos sozinhos, Jonah me olha de um jeito que, assim que ele afasta o olhar, eu me sinto completamente vazia. É uma sensação que nunca experimentei quando estou com Chris.

E que me deixa apavorada.

Até pouco tempo atrás, eu nunca tinha experimentado um sentimento assim, mas, agora que aconteceu, parte de mim parece desaparecer quando a sensação vai embora.

Cubro o rosto com as mãos. É uma merda perceber que Jonah Sullivan é primeiro da lista de todas as pessoas do mundo de quem quero ficar perto.

É como se meu peito estivesse em uma busca constante pelo pedaço que falta, e Jonah o segurasse na palma de sua mão.

Eu me levanto. Preciso me afastar dele. Sou apaixonada por Chris, então é desconfortável e incômodo ficar perto do seu melhor amigo e pensar essas coisas. Talvez o refrigerante seja responsável por eu estar me sentindo assim.

Ou o medo de estar grávida.

Talvez não tenha nada a ver com Jonah.

Faz uns cinco segundos que estou em pé quando, do nada, Chris aparece. Seus braços se apertam ao meu redor por um instante antes de ele nos jogar na piscina. Fico irritada e aliviada ao mesmo tempo, porque eu precisava me afastar de Jonah, mas, agora, estou afundando em uma piscina na qual não tinha nenhuma intenção de entrar completamente vestida.

Volto à superfície junto com Chris, mas, antes mesmo que eu tenha chance de reclamar, ele me puxa e me beija. Eu retribuo, porque é uma distração necessária.

— Cadê Jenny?

Eu e Chris olhamos para cima, e Jonah se agiganta sobre nós,

olhando sério para meu namorado.

— Sei lá — responde Chris.

Jonah revira os olhos.

— Pedi que você ficasse de olho nela. Ela está bêbada.

Ele segue na direção da casa, à procura da minha irmã.

— Eu também — rebate Chris. — Nunca peça que um bêbado cuide de outro bêbado! — Chris se aproxima um pouco até me alcançar e, então, me puxa. Ele apoia as costas na borda da piscina e me posiciona segurando seu pescoço, encarando-o. — Desculpe pelo que falei antes. Não acho que nenhuma versão sua seja chata.

Faço beicinho, aliviada por ele ter reconhecido que foi um babaca.

— Eu só queria que a gente se divertisse. E você não parece estar se divertindo.

— Agora, estou.

Forço um sorriso porque não quero que ele note o turbilhão dentro de mim. Mas é impossível deixar de me preocupar, não importa quanto eu tente deixar a questão de lado até ter certeza do que está acontecendo. Estou preocupada por mim, por ele, por nós, pela criança que podemos trazer para o mundo antes de estarmos prontos. Não podemos bancar algo assim. Não estamos preparados. Nem sei se Chris é a pessoa com quem quero passar o restante da minha vida. E isso, com certeza, é algo sobre o qual alguém devia ter certeza antes de gerar um ser humano.

— Quer saber qual é minha coisa favorita sobre você? — pergunta Chris. Minha camisa não para de flutuar na água, então ele a prende na frente da minha calça jeans. — Você é uma sacrificadora. Nem sei se essa palavra existe mesmo, mas é verdade. Você faz coisas que não quer para melhorar a vida das pessoas ao seu redor. Como dirigir. E isso não é comportamento de gente chata. Isso é heroico.

Eu rio. Chris fica lisonjeiro quando bebe. Às vezes, zombo dele por causa disso, mas, por dentro, adoro.

— Agora, você devia falar alguma coisa que ama em mim — continua ele.

Olho para cima e para a esquerda, como se precisasse pensar muito. Ele aperta minha cintura, brincalhão.

— Adoro como você é divertido — digo. — Você me faz rir, mesmo quando me deixa frustrada.

Chris sorri, e uma covinha aparece em seu queixo. Ele tem um sorriso tão bonito. Se eu estiver grávida, pelo menos espero que a criança tenha o mesmo sorriso de Chris. É a única coisa positiva que consigo pensar nessa situação.

Ergo a mão e toco na covinha, pronta para dizer que adoro seu sorriso, mas acabo falando:

— Acho que você vai ser um ótimo pai algum dia.

Não sei por que falei isso. Talvez esteja sondando o terreno. Vendo como será sua reação. Chris ri.

— Vou mesmo. Clara vai ser louca por mim.

Inclino a cabeça.

— Clara?

— Minha futura filha. Já escolhi o nome. Mas ainda estou pensando no de menino.

Reviro os olhos.

— E se a sua futura esposa odiar esse nome?

Ele sobe as mãos por meu pescoço e segura minhas bochechas.

— Você não vai odiar.

Então me beija. E, apesar de o beijo não preencher meu peito como os olhares de Jonah fazem, sou tranquilizada e reconfortada por este momento. Por suas palavras. Por seu amor.

Não importa o resultado do teste de gravidez que farei amanhã... tenho certeza de que ele vai me apoiar. Chris é esse tipo de pessoa.

— Galera, vamos embora — chama Jonah.

Eu e Chris nos afastamos e olhamos para cima. Jonah está segurando Jenny. Os braços da minha irmã estão em torno do pescoço do namorado, o rosto pressionado contra o peito dele. Ela geme.

— Eu falei para ela não subir na mesa — resmunga Chris, saindo da piscina.

Ele me ajuda a sair. Torcemos o máximo de água possível das nossas roupas antes de seguir para o carro. Por sorte, o estofado é de couro. Sento no banco do motorista, já que Chris acredita que Jonah estava bebendo. Jonah vai atrás com Jenny. Enquanto o carro se afasta

da festa, Chris escolhe as músicas no rádio.

“Bohemian Rhapsody” começa a tocar, então ele aumenta o volume e resolve cantar. Alguns segundos depois, Jonah canta junto.

Surpreendentemente, eu me junto aos dois, baixinho. Nenhum ser humano é capaz de escutar essa música enquanto dirige e *não* cantar junto. Mesmo morrendo de medo de uma gravidez aos dezessete anos e sentindo coisas por certa pessoa sentada no banco traseiro que eu devia sentir por alguém acomodado no banco do passageiro.